



# FOLHA INFORMATIVA

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA - LISBOA

## EM BELÉM DE JUDÁ



**“EU** vejo, mas não agora, eu contemplo, mas não de perto: uma estrela desponta de Jacob, um cetro se levanta de Israel”. Assim fala com uns olhos muito claros postos no futuro, um profeta de nome Balaão, que o Livro dos Números diz ser oriundo das margens do rio Eufrates, uma vasta região conhecida pelo nome de “Montes do Oriente”:

Do Oriente são também os Magos, que enchem o Evangelho deste dia (Mt 2,1-12) e que representam a humanidade de coração puro e de olhar penetrante que agora e de perto, sabe ler os sinais de Deus, sejam eles a estrela que desponta, o sonho, ou um ou outro indicador de caminhos novos. O relato dos magos que vieram de longe do meio de outros povos, doutra cultura, adorar a Jesus, não é um relato histórico. É uma lenda que exprime o que a Igreja celebra neste dia: a Epifania do Senhor a todas as gentes da terra. Jesus não é património do cristianismo ou da Igreja. Jesus é património da humanidade. Até dos que não O conhecem. É tão universal que transcende as fronteiras e os credos de todas as religiões. Porque o cristianismo não é uma religião. O cristianismo é um “projecto de vida”, o projecto da honestidade, da honradez, do bom coração, da solidariedade. Ou seja tudo aquilo que nos une a todos e nos iguala. O que dá sentido à vida e esperança para a vida eterna.

Embora os evangelistas Mateus e Lucas nos seus evangelhos da Infância façam “história”, não é sua intenção primordial escrever uma crónica histórica da infância de Jesus, mas antes transmitir um testemunho da fé comunitária e cristã da História da Salvação de Deus realizada em Jesus de Nazaré.

Sem dúvida que este relato dos Magos não tem valor histórico, mas é importante como parábola da vida. Aqui se mostram várias coisas decisivas para a compreensão e vivência da fé cristã, como a frequente crueldade do poder político quando é absoluto e se sente ameaçado; a colaboração que tantas vezes o poder religioso presta ao poder dominante; a utilização que sacerdotes e teólogos fazem dos livros religiosos (neste caso da Bíblia) para servir os interesses políticos e económicos; a brutalidade dos poderosos para com os débeis, como Herodes procedeu, sem piedade, para com Maria, José e o Menino; os mais fracos terem mais capacidade de resistir que os mais fortes; o poder é cínico, encanador, para alcançar o que lhe interessa, como Herodes quando enganou os Magos; uns estranhos (estrangeiros) foram mais generosos com Jesus que os poderes políticos e religiosos do seu povo.

### Para Meditar

1. “Chegaram a Jerusalém uns magos vindos do Oriente. A primeira de três ironias do texto evangélico é esta: a notícia do nascimento chega a Jerusalém às mãos de estrangeiros. Nos evangelhos, como na vida, ora recusamos os nossos, ora rejeitamos os estrangeiros. Estás atento às pessoas à tua volta? Acolhe-as como dom de Deus para ti.
2. O rei Herodes perturbou-se. A segunda ironia: um rei que treme diante dum bebé. Estarás, como Herodes, também tu amarrado a certos “poderes” (gostos, interesses, relações, hábitos)? O que há de Herodes na tua vida?
3. Ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra. Terceira ironia (aparente): os sábios e poderosos ajoelhados perante um bebé pobre e indefeso. Os presentes revelam, ao mesmo tempo, a dignidade de Jesus e a nobreza dos magos. Como seriam estes magos? Que qualidades teriam? Onde terão aprendido a ser humildes? O que terão eles aprendido de Deus para o poderem reconhecer bebé? Pede a graça de te tornares assim, mago e humilde”.

(in Mensageiro do Coração de Jesus)

## A IGREJA PERANTE A CREMAÇÃO DOS CADAVERES



Em 15 de Agosto passado a Sagrada Congregação para a Doutrina de Fé publicou uma Instrução a propósito da sepultura dos defuntos e da conservação das cinzas da cremação.

Por ser uma instrução muito oportuna e esclarecedora duma prática que se está a generalizar-se, é bom ouvir a voz da Santa Sé nesta

questão que é algo de relativamente novo nos nossos costumes e práticas e em que muitas pessoas se têm interrogado sobre ela. Vamos aproveitar a nossa “Folha”, para, em dois números, apresentarmos uma síntese do documento.

Ele começa por recordar que, desde 1963, a Igreja Católica tolera a opção dos fiéis pela cremação dos corpos dos defuntos, quando esta cremação não é motivada por razões contrárias à fé cristã. Em tais circunstâncias, as exéquias são permitidas. O actual Código de Direito Canónico consagrou esta mudança legislativa (Cn. 1176). E os rituais das Exéquias de vários países, incluindo o Português, acolhem essa possibilidade que se tornou pacífica, sempre com a confirmação da Santa Sé. A prática da cremação tem-se generalizado em muitos países. Em Portugal está a tornar-se “moda”. E, com ela, têm-se generalizado práticas e difundido ideias menos condizentes com a fé e a doutrina. Daí a razão de ser desta Instrução que já devia ter vindo há mais tempo.

### Que nos diz a Instrução?

1. Em primeiro lugar declara-se e fundamenta-se a preferência pela sepultura dos corpos.

Esta opção parece corresponder melhor ao mistério pascal de Cristo que morreu, foi sepultado e ressuscitou. “Sepultando os corpos dos fiéis defuntos, a Igreja confirma a fé na ressurreição da carne”. Realça-se melhor “a alta dignidade do corpo humano como parte integrante da pessoa da qual o corpo partilha a história. “A sepultura nos cemitérios ou noutros lugares sagrados corresponde adequadamente à piedade e ao respeito devidos aos corpos dos fiéis defuntos, que, mediante o Batismo, se tornaram templos do Espírito Santo e dos quais “se serviu santamente o Espírito Santo para realizar tantas boas obras.

Sepultar os mortos é uma das obras de misericórdia corporais.

A sepultura nos cemitérios ou noutros lugares favorece a recordação e a oração pelos defuntos da parte dos seus familiares e de toda a Comunidade cristã. Mediante a sepultura nos cemitérios e igrejas, a tradição cristã conservou a comunhão entre os vivos e os defuntos. A sepultura nos cemitérios é um meio eficaz para contrariar a tendência para esconder ou privatizar o acontecimento da morte e o significado que ela tem para os cristãos.

É ainda uma maneira de vigiar o perigo de difusão, ou aceitação implícita, de ideias incompatíveis com a fé cristã: a morte considerada como o aniquilamento definitivo (nihilismo), ou como o momento da fusão com a Mãe natureza ou com o universo (panteísmo) ou como uma etapa no processo da reencarnação ou como a libertação definitiva da “prisão” do corpo (maniqueísmo). (continua no próximo número)

## O CENTENÁRIO DE FÁTIMA



Chegámos, finalmente, ao Centenário das Aparições de N<sup>a</sup> Senhora em Fátima. Um ano muito desejado por cristãos e não cristãos de Portugal e de todo o mundo. A fé mais uma vez ultrapassou as profecias dos ateus, dos militantes ideológicos e anifatimistas que gritaram em vários tons o “maior embuste do século”! O século passou, e quem fala deles? Dum Tomás da Fonseca, dum João Ilharco, dum Mário de Oliveira e tantos outros que passaram e não deixaram rasto.

Os Bispos portugueses divulgaram uma carta pastoral “Fátima, sinal de esperança para o futuro”, pondo em relevo o “sensus fidei” isto é, o sentido da fé dos baptizados que “os ajuda a discernir o que vem realmente de Deus. A religiosidade popular, como se comprova, antecipou-se ao reconhecimento do Bispo de Leiria D. José Alves Correia da Silva que em 13 de outubro de 1930 na carta pastoral “A Providência Divina”, declarou “dignas de crédito as visões das três crianças”, “permitindo oficialmente o culto de Nossa Senhora do Rosário de Fátima”.

A Conferência Episcopal Portuguesa confirma que a devoção à Senhora de Fátima e a espiritualidade decorrente da sua mensagem “rapidamente passaram a marcar a pastoral da Igreja em Portugal e em todo o mundo.

Ao considerar uma “bênção para a Igreja em Portugal”, os Bispos dizem que Fátima é uma “casa maternal”, na qual os peregrinos nacionais e estrangeiros, se sentem “acolhidos, compreendidos, consolados, perdoados, reconfortados e renovados”.

Ao longo de cem anos, dizem os Bispos, “a peregrinação a Fátima revitalizou a fé de muitos crentes cansados, suscitou a conversão de muitos corações endurecidos, reafirmou a pertença eclesial de muitos baptizados desorientados, tornou possível que muitos indiferentes redescobrissem o Evangelho, suscitou uma religiosidade que plasmou a vida de grande parte nosso povo”.

FOLHA INFORMATIVA DA PARÓQUIA DE N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> DA AJUDA

N<sup>o</sup> 07 ANO XVI – 08 DE JANEIRO DE 2017 – EPIFANIA DO SENHOR

www.paroquiaajudalisboa.com - [ipnsajuda@netcabo.pt](mailto:ipnsajuda@netcabo.pt) - Tel: 213630039 · Telem: 912482605